

Dinâmicas, estruturas e obstáculos no futebol amador feminino no

Rio de Janeiro

Julia Haß*

Resumo: No artigo pretende-se fazer uma análise das dinâmicas, das estruturas e dos obstáculos dentro do espaço do futebol amador feminino no Rio de Janeiro. No Brasil, como em outros países, o futebol tem-se estabelecido desde seu início, no final do século XIX, como espaço de homens. Através de práticas, discursos e leis mulheres foram excluídas como agentes dos locais, associações, clubes e campos de futebol. Hoje, em cidades como Rio de Janeiro, a presença de meninas e mulheres jogando futebol nas ruas e quadras urbanas tem aumentado muito, o que sugere maior aceitação em relação a essa prática. De todo modo, algumas perguntas se fazem necessárias quando nos debruçamos sobre a questão: Como as mulheres avançam hoje no espaço do futebol amador no Rio de Janeiro? Quais são as estruturas e as dinâmicas do futebol amador feminino e quais os maiores obstáculos que os times femininos enfrentam?

Palavras-chaves: Futebol amador, mulheres, desigualdades, Rio de Janeiro

Abstract: This article is about structures and dynamics in women's amateur football in Rio de Janeiro. In Brazil, as in many other countries, football and amateur football have been established as men's spaces, since the end of 19th century. Women were excluded as agents from football spaces through practices, discourses and laws. Today, in cities as Rio de Janeiro, the presence of girls and women playing football in streets and urban football fields has increased a lot. It seems that there is greater acceptance. The questions are: How women advance in amateur football spaces in Rio de Janeiro today? What are the structures and dynamics in women's amateur football and what are the main obstacles for female teams?

Key-words: amateur football, women, inequalities, Rio de Janeiro

Introdução

Com base em duas pesquisas de campo no Rio de Janeiro, pretende-se fazer observações e análises sobre as dinâmicas, estruturas e obstáculos dentro do espaço do futebol amador feminino carioca. No Brasil, o futebol em si e o futebol amador têm-se estabelecido desde seu início, no final do século XIX, como espaços de homens. Através de práticas, discursos e leis mulheres foram excluídas como agentes ativas dos locais e espaços sociais e

* Julia Haß é doutoranda em antropologia no Instituto de Estudos da America Latina na Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Ela é bolsista do Colégio Internacional de Graduados 'Entre Espacios'. O tema da sua tese de doutorado é: 'Futebol amador feminino no Rio de Janeiro: Negociação de relações de gênero, classe social e espaço urbano e'. Em 2016 foi publicado o artigo: 'Frauenamateurfußball in Rio de Janeiro – umkämpfter Sport- und Stadtraum' Julia Haß (julia.hass@fu-berlin.de)

geográficos de futebol. Hoje, em cidades como Rio de Janeiro, a presença de meninas e mulheres jogando futebol nas ruas, nas quadras de futsal e nos campos de grama e de grama sintética tem aumentado muito, o que parece sugerir uma maior aceitação dessa prática.

Assim, as seguintes perguntas se colocam como necessárias para melhor compreensão desse desenvolvimento: Como as mulheres atuam hoje no futebol amador no Rio de Janeiro? Quais são as estruturas e as dinâmicas do futebol amador feminino e quais os maiores obstáculos que os times femininos enfrentam?

A ideia central desta pesquisa se constitui na hipótese de que os espaços esportivos são marcados por relações desiguais de poder. Espaço se entende como um lugar geográfico e um lugar social, apropriado e usado por grupos de pessoas. Há grupos que dominam espaços e grupos que são excluídos (MASSEY, 1994). Espaços do esporte são muitas vezes marcados por hierarquias determinadas e processos de discriminação. Gênero, etnicidade, classe social ou sexualidade são categorias que podem excluir pessoas de espaços esportivos e da prática de certos esportes (VAN INGEN, 2003). No Brasil, mulheres foram excluídas do futebol por muito tempo. Homens dominaram as práticas esportivas e sociais nos campos de futebol e deram significado a estes lugares sociais na cidade. Hierarquias sociais e de gênero e paradigmas culturais – sobre identidades de gênero, sexualidade e diferenças sociais – foram estabelecidos e se reproduziram. Um modelo dominante de masculinização – do homem forte, valente (COSTA, 2014:318) – constitui-se de forma evidente ali. Segundo a historiadora Anne Enke, a entrada de novos grupos (neste caso as mulheres) em espaços esportivos e sociais marcados por hierarquias particulares pode provocar uma renegociação dos valores e ordens sociais: são espaços em disputa (ENKE, 2007).¹ Gênero se entende como um marcador social, sobre qual se exerce poder e discriminação. A categoria do gênero entrelaça com outros marcadores sociais como classe social, etnicidade e sexualidade (ANTHIAS/YUVAL-DAVIS, 1992). A origem social, a cor da pele ou a sexualidade influem nas experiências e no grau de discriminação experimentados pela mulher no Brasil. Aqui, as realidades sociais e perspectivas de vida de

mulheres são muito distintas; a diversidade das experiências dentro do futebol amador feminino são, afinal, interesse desta pesquisa.

Mesmo sendo de grande relevância nas sociedades da América Latina e na Europa a partir de meados do século XX, o futebol só tem sido estudado nas Ciências Sociais e na Antropologia a partir do final dos anos 1970. No Brasil, uma das pioneiras da antropologia de futebol é Simoni Lahud Guedes que defendeu uma dissertação, intitulada “O futebol brasileiro: instituição zero”, em 1977 (GUEDES, 1977). Em 1982, o antropólogo Roberto DaMatta analisa o significado social e cultural do futebol na sociedade Brasileira no seu livro *Universo do futebol. Esporte e Sociedade Brasileira*, e, posteriormente, muitos outros trabalhos vieram (DA MATTA, 1982). Mulheres têm sido invisíveis por muito tempo na literatura acadêmica e na historiografia de futebol. No Brasil, em 2003, Jorge Dorfman Knijnik põe em questão a invisibilidade das mulheres na história do futebol Brasileiro (KNIJNIK, 2003). A partir dos anos 2000, os primeiros trabalhos sobre futebol feminino são publicados. Destacam-se entre outros: Fábio Franzini (2005), Ludmila Mourão e Marcia Morel (2005), Silvana Vilodre Goellner (2008), Doiara Silva dos Santos e Ana Gabriela Alves Medeiros (2012), Carmen Rial (2013) e Leda Costa (2013) circunscrevem seus trabalhos ao tema da história do futebol feminino e das narrativas da mídia sobre as jogadoras no Brasil nos séculos XX e XXI. Luis Carlos Rigo, Flávia Garcia Guidotti, Larissa Zanetti Theil e Marcela Amaral que pesquisam o caso de dois times femininos Pelotenses, Rio Grande do Sul, nos anos 1950 (2008). Helena Altmann e Heloisa Helena Baldy dos Reis e Raquel da Silveira e Marco Stigger (2013) que analisam as experiências de jogadoras de futsal na América do Sul (ALTMANN/ BALDY DOS REIS, 2013) e em Porto Alegre (DA SILVEIRA/ STIGGER, 2013). Claudia Samuel Kessler e Maria Catarina Chitolina Zanini que estudam as narrativas de jogadoras e as construções de gênero no futebol no interior de Rio Grande do Sul. Mariane da Silva Pisani que analisa o futebol amador feminino em São Paulo como espaço de empoderamento feminino (2014). Caroline Soares de Almeida que pesquisa a história de um time feminino carioca dos anos 1980,

o *Esporte Clube Radar* (2013, 2014). Entre as poucas pesquisas empíricas, o trabalho de Soares de Almeida é, talvez, o único que analisa o caso do Rio de Janeiro; porém ele não trata das dinâmicas atuais e questões de poder dentro do futebol amador feminino no Rio de Janeiro – cidade citada às vezes como berço do futebol feminino no Brasil (FRANZINI, 2005: 323).

Futebol como espaço masculino no Brasil

Desde o começo do século XX, praticamente desde a introdução no Brasil, havia mulheres que jogavam futebol. No entanto, como as mulheres não eram incentivadas nas suas atividades esportivas, a participação delas era muito menor que a dos homens. Nos anos de 1913 e 1920, em São Paulo e em 1931 e nos anos 1940 na cidade de Rio de Janeiro, times femininos de bairros distintos se enfrentaram. Geralmente, a mídia não levava a sério esses jogos e os representava como um programa cômico (FRANZINI, 2005:317,319; MOURÃO, 2005:75,76). A partir de 1940, os organizadores da segunda divisão do campeonato carioca masculino organizaram jogos entre times femininos. Os jogos aconteciam geralmente antes dos jogos dos times masculinos. Eles provocaram debates polêmicos sobre a conveniência e a dimensão moral de futebol feminino (FRANZINI, 2005:323; GOELLNER VILODRE, 2005:146). As primeiras décadas do século XX foram marcadas por um ambiente muito patriarcal no Brasil como em muitos países do mundo. No Brasil, em revistas científicas, jornalistas e acadêmicos, majoritariamente homens, discutiam se mulheres deveriam praticar esportes ou não. As atividades esportivas femininas – que aumentavam naquele momento – podem ser vistas como uma resistência contra os discursos hegemônicos sobre as identidades femininas. No Rio de Janeiro, no começo dos anos 1940 existiam vários times femininos (FRANZINI, 2005:319). Curiosamente, os times nasceram todos nos subúrbios da cidade, Realengo, Cascadura ou Benfica, e eram compostos em sua maioria, provavelmente, por mulheres de classe social média ou baixa. Em 1940 um jogo entre o time feminino carioca Casimo Realengo e o time feminino S.C. Brasileiro foi planejado como preliminar ao jogo dos

grandes times masculinos do São Paulo e do América (RJ) no então novo Estádio Pacaembu em São Paulo. No entanto, o jogo foi adiado e realizado somente um ano depois, preliminar ao jogo do São Paulo contra o Flamengo (RJ) (COSTA, 2014: 83).

Em 1941, o Conselho Nacional de Desportos proibiu pelo Decreto-Lei 3199, artigo 54, a prática do futebol por mulheres (GOELLNER VILODRE, 2005:145). Até a extinção do Decreto-Lei em 1979, o desenvolvimento de estruturas de futebol de mulheres foi muito dificultado. As associações esportivas e os clubes de futebol em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outros Estados ficavam fechados para times femininos de futebol e mulheres que quisessem jogar futebol quase não recebiam nenhum incentivo dentro da sociedade. Todavia, apesar da proibição e da discriminação, havia mulheres que jogavam futebol. Luiz Carlos Rigo, Flávia Garcia Guidotti, Larissa Zanetti Theil e Marcela Amaral contam da fundação de dois times femininos no Estado Rio Grande do Sul, em abril 1950, nos clubes Vila Hilda Futebol Club e Corinthians Futebol Club (RIGO, 2008:176). As meninas de 13 a 18 anos, de classe média baixa, foram treinadas por jogadores ou ex-jogadores dos quadros masculinos dos respectivos clubes. Os jogos dos dois times foram acompanhados pela mídia local e muito bem recebidos pelo público (RIGO, 2008:180). Em Porto Alegre, os times Pelotenses jogaram contra outros times femininos locais. Porém, naquele momento – provavelmente por causa da popularidade crescente do futebol feminino no Sul do Brasil – o Conselho Nacional de Desportos entrou em cena, exigindo que o decreto-lei, que proibia o futebol feminino, fosse respeitado. Em seguida, os dois times no Rio Grande do Sul sumiram da mídia. No Rio de Janeiro, nos anos 1970, havia campeonatos de futebol de praia na zona sul da cidade. As jogadoras que jogavam em Copacabana ou Ipanema eram mulheres jovens da classe média. Periódicos locais acompanharam os jogos de perto, seus comentários geralmente eram caracterizados por ironia e uma linguagem de duplo-sentido (MOURÃO, 2005:76).

As origens dos discursos sobre mulheres e esporte na primeira metade do século XX têm que ser explicadas por uma representação binária, essencialista e desigual dos gêneros,

construída nos séculos XVIII e XIX na Europa. A maior participação de homens no esporte e a exclusão das mulheres foram justificadas pelo argumento de que mulheres eram dotadas com propriedades físicas e mentais inatas, como fragilidade ou suavidade, que as tornavam inaptas para certas áreas sociais, como o esporte e a política. Funções e espaços diferentes eram reservados para homens e mulheres na sociedade: Para a mulher a função da mãe e da esposa e o espaço doméstico, para o homem a função do provedor e o espaço público e político. Todavia, os debates sobre mulheres e esporte no começo e nos meados do século XX podem ser interpretados como uma expressão de temor sentido pelos defensores do discurso patriarcal. A maior inserção feminina nas diferentes áreas da sociedade naquele momento representou um perigo para a dominação masculina. Se tentou confirmar o papel delas na sociedade: marginalizadas e fora das atividades públicas. Como em outros países, como Argentina ou Uruguai, futebol teve um papel central no processo de construção da nação Brasileira. Com a proibição do futebol para as mulheres, as mulheres Brasileiras não só eram excluídas de um esporte, mas também de um espaço simbólico nacional muito importante. (GOELLNER VILODRE, 2005:144, 147; 146, RIAL, 2013:121)

O Decreto-Lei de proibição do futebol feminino de 1941 foi confirmado em 1965 pelo novo regime militar, através da deliberação número 7 (RIAL, 2013:121). A partir dos anos 1970, no contexto do movimento feminista e da maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, o futebol feminino ganha apoio. Em 1979, quando o fim da ditadura Brasileira se aproxima, o Conselho Nacional de Desportos é obrigado a retirar a proibição do futebol de mulheres. No Rio de Janeiro, clubes de futebol tradicionais começam a abrir departamentos de futebol feminino (FRANZINI, 2005:325). Em 1981 um campeonato carioca de futebol feminino é estabelecido, o número de times femininos na cidade aumenta (COSTA, 2014: 85). Mas as décadas da proibição do futebol deixaram seus vestígios: Preconceitos contra o futebol feminino dominavam as instituições de futebol e a falta de patrocínio atrapalha o estabelecimento de estruturas contínuas de futebol feminino. Na mídia, jogadoras são reduzidas

a suas características físicas e não são aceitas como atletas (MOURÃO, 2005:81,83; RIAL, 2013:116). Porém, a partir dos meados dos anos 2000, os sucessos da seleção nacional feminina em competições internacionais e da jogadora Marta Vieira da Silva, cinco vezes ganhadora do título da melhor jogadora do mundo até hoje então, dão maior visibilidade ao futebol feminino (COSTA, 2014:86). No entanto, hoje, preconceitos ainda existem e atletas Brasileiras continuam lutando para serem reconhecidas como jogadoras (MOURÃO, 2005:80, SILVA DOS SANTOS, 2012:186).

Futebol amador e as modalidades do futebol amador feminino no Rio de Janeiro

Segundo o antropólogo Arlei Damo, não há só um futebol mas existem vários 'futebóis'. O futebol amador (comunitário, segundo Damo) localiza-se entre o futebol profissional (espetacularizado) e a pelada (ou bricolada). Há a presença de quase todos os componentes do futebol espetacularizado, mas em uma escala menor: a disponibilidade de um técnico e de um diretor, a definição dos papéis dos jogadores no jogo, certa condição física dos atletas, a organização de competições em espaços locais e às vezes a presença da mídia (DAMO, 2005:42). Diferentemente da pelada, o futebol amador realiza-se em espaços 'padronizados' (DAMO, 2005:41). No futebol amador feminino no Rio de Janeiro, as estruturas dos times são mais simples que na análise de Damo. Assim, a maioria dos times não dispõe de um massagista e às vezes tampouco de um diretor. A mídia esportiva praticamente nunca aparece nas competições. Porém, o futebol amador feminino é uma matriz "rica em diversidade de personagens, formas de organização e de significados atribuídos quer à prática futebolística, quer à sociabilidade que acontece no entorno dela" (DAMO, 2005:42). Ele é caracterizado por uma diversidade de formas de times e de realidades sociais.

Mesmo se as práticas de futebol só duram poucas horas por semana, – e mesmo que as jogadoras geralmente não tenham a perspectiva de serem remuneradas por jogar – o futebol amador tem importante significado na vida das mulheres. Elas são membros de times fixos, se

encontram no seu tempo livre, várias vezes por semana, para treinar juntas e jogar contra outros times nos fins de semana. Diferentemente de outros países, no Brasil, o futebol amador não é organizado pela Confederação Nacional de futebol, no caso a CBF. A oferta de estruturas e de campeonatos depende aqui principalmente do investimento e das iniciativas de associações regionais e de pessoas privadas.

No Rio de Janeiro, por causa da falta de espaço dentro da cidade, as modalidades de futebol de campo de menor extensão, seja society, futsal e beach soccer, são as mais populares. A modalidade de campo pode ser encontrada nos subúrbios cariocas ou nos municípios vizinhos, na Baixada Fluminense por exemplo, porém ela representa também ali uma exceção no futebol amador. Além da falta de campos, a pequena popularidade do futebol de campo no futebol amador pode ser explicada pelo alto grau de formalização e custos maiores. Sendo mais próximo ao futebol profissional, futebol de campo conta com um maior número de restrições e com taxas de inscrição mais altas nos campeonatos que nas outras formas de futebol. Por conseguinte, o futebol de campo é pouco presente na realidade do futebol amador feminino. Os únicos times cariocas praticando aquele padrão de futebol, são times quase ou plenamente profissionais, como Flamengo/ Marinha, que competem nas competições nacionais e estaduais.

As diferentes modalidades do futebol amador distinguem-se em relação às regras, às dinâmicas de jogo e aos espaços onde elas acontecem. Enquanto no futebol society, por exemplo, há dois times de sete jogadoras, seis na linha e uma no gol, e se joga em campos de grama ou grama sintética, no futsal os times dispõem de cinco jogadoras, quatro na linha e uma no gol e jogam em uma quadra lisa (de medidas de no mínimo 38 metros de comprimento por 18 metros de largura) (CBFS 2016). O beach soccer, jogado na areia, conta também com cinco jogadoras em cada time. O jogo no futsal e no futebol society é mais dinâmico que no futebol de campo, jogado com onze jogadoras em cada time e em um espaço muito maior. Nas duas primeiras, as distâncias de corrida são menores, no futsal e no beach soccer chutes ao gol são possíveis de quase qualquer posição da quadra. Por outro lado, nas modalidades de futebol de

campo e de society existe um maior número de posições no campo (goleira, zagueiro, meio-campo, lateral, atacante entre outras). Enquanto os jogos de futebol de campo, de futebol society e de beach soccer praticamente sempre acontecem em campos ao ar livre, na praia, em um parque público ou dentro do espaço de um clube, os jogos de futsal costumam acontecer em lugares fechados, geralmente dentro de um clube esportivo, uma faculdade ou uma escola, onde somente membros desta instituição circulam. Enquanto muitos grupos somente praticam uma modalidade de futebol, alguns times femininos participam em campeonatos de duas ou três modalidades diferentes. Como as regras nas diferentes modalidades de futebol são parecidas, a adaptação não é muito difícil. Porém, cada modalidade exige habilidades particulares das jogadoras. Futebol society é considerado o tipo de futebol mais novo no Rio de Janeiro, ele é crescentemente popular entre jogadoras de futebol amador.

Realidades e dificuldades dentro do futebol amador feminino no Rio de Janeiro

Realizei duas pesquisas de campo, uma durante três (setembro até dezembro 2015) e outra por seis meses (setembro 2016 até fevereiro 2017), no Rio de Janeiro. No primeiro momento, acompanhei o time feminino A (society, beach soccer e futsal) nos treinos no Aterro do Flamengo, e em dois campeonatos de society e de beach soccer (1).² No segundo, continuei as observações participantes no time A. Desta vez acompanhei o time em dois torneios de futsal e participei como observadora e jogadora em sessões de treino de futsal. Além disso acompanhei um segundo time de society (B), da zona norte de Rio de Janeiro. Assisti também a jogos de outros times, no Campeonato Carioca (campo), por exemplo. Entrevistei e tive conversas informais com jogadoras e treinadoras de outros times, com árbitros e organizadores de campeonatos e coordenadores de ONGs voltadas para a questão do futebol e gênero.

Sendo o esporte mais importante no Brasil, peladas e futebol amador são populares entre meninas e mulheres no Rio de Janeiro. Apesar do grande interesse, muitos bairros da cidade do Rio de Janeiro e municípios próximos dispõem de estruturas insuficientes para o

futebol amador feminino. Por conseguinte, mulheres “viajam” a bairros afastados para poder treinar em um time: passam até uma ou duas horas no transporte público, gastam dinheiro nas passagens e, às vezes, enfrentam riscos de violência no caminho.

É possível diferenciar entre diferentes tipos de times. Há times femininos escolares, times de faculdades, times de escolinhas de futebol, times de clubes tradicionais de esporte ou de futebol e times de bairros criados pela iniciativa de grupos de pessoas (jogadoras ou um/a treinador/a) sem vinculação a um clube. O poder aquisitivo e a origem social influem no tipo de time disponível para uma mulher. Assim, mulheres de poucos recursos financeiros. muitas vezes, não têm condições de integrar um time de uma escolinha de futebol com aulas pagas. Além disso, o local de residência da mulher influi no tipo de futebol praticado. É menos provável que uma mulher iniciante no futebol, morando em um subúrbio e, portanto, longe das praias, escolha o beach soccer que uma mulher moradora da zona sul do Rio de Janeiro ou outra área próxima às praias. Além dos times descritos existem também times vinculados a projetos sociais que são destinados a um público feminino com menos condições financeiras. Às vezes, o objetivo principal é incentivar meninas e mulheres a jogar, porém, geralmente a competitividade esportiva também possui importância.

Times ligados a instituições – particularmente clubes esportivos/ de futebol, faculdades ou colégios – têm tendência para estar dotados de melhores estruturas ou condições de treino. Geralmente dispõe-se de um campo onde o time pode treinar. Há casos onde as instituições pagam os uniformes das jogadoras e as taxas de inscrição nos campeonatos. Por outro lado, os times criados por iniciativa própria de um grupo de mulheres ou por projetos sociais enfrentam a situação de não ter acesso a um campo, o que os força a pagar os seus gastos do próprio bolso. Pela quantidade limitada de campos públicos no Rio de Janeiro, times femininos “autônomos” são muitas vezes forçados a alugar um tal aparato ou pedir permissão de um clube esportivo ou de futebol para poder treinar gratuitamente, com justificativas filantrópicas. Este último é o caso do projeto social Instituto Esportivo Estrela Nova. As

coordenadoras conseguiram permissão para treinar seu time, meninos, meninas e mulheres entre 14 e 30 anos de contextos sociais humildes, duas vezes na semana na quadra de futsal de um clube tradicional de futebol na zona norte de Rio de Janeiro. Além disso o time treinava uma vez em duas semanas em um campo no parque do Aterro do Flamengo, localizado na zona sul do Rio, cujo uso é gratuito. Porém, depois de pouco tempo, a diretoria do clube mudou de opinião e expulsou o projeto social de futebol, aparentemente para dedicar seus espaços esportivos a atividades percebidas como mais lucrativas. O time foi forçado a reduzir suas atividades de treino a um treino semanal no Aterro do Flamengo. Essa dependência de ajuda exterior e essa vulnerabilidade são representativas da realidade de muitos times femininos sem apoio institucional e com poucos recursos financeiros. Mesmo que a situação seja geralmente melhor nos times de clubes, de faculdades ou de escolas, há casos em que o apoio institucional é limitado e as jogadoras têm que investir por conta própria. Para times e mulheres de classes sociais mais baixas esses gastos representam obstáculos e podem até impedir sua participação.

Diferentemente do futebol masculino que, no Brasil, é incentivado desde a infância, muitas jogadoras experimentam algum tipo de estigmatização na sua vida, na família, na escola ou na vizinhança. Adicionalmente as dificuldades comuns de um/a jogador/a amador no Rio de Janeiro, mulheres têm que encarar preconceitos cada que vez que se apresentam ao público como jogadora de futebol. Andrea, jogadora de um time amador muito competitivo e praticando o esporte desde os 17 anos, por exemplo, contou que sua mãe, embora mantivesse um relacionamento hétero-normativo há três anos, acreditava que sua filha era lésbica, por jogar futebol, e não a apoiou como jogadora.³ Os preconceitos e a falta de incentivo no futebol experimentado por meninas e mulheres, descritos em vários trabalhos empíricos sobre futebol feminino no Brasil, manifesta-se também na área do patrocínio (ALTMANN/ BALDY DOS REIS, 2013; KESSLER/ ZANINI, 2013). Enquanto no futebol amador masculino, a existência de patrocínio por empresários de times masculinos autônomos amadores costuma ser muito comum (GONÇALVES, 2002; BEVERARI, 2009; HAß, 2013), esse fenômeno é raro no

futebol amador feminino. Por causa de grande falta de investimento público no futebol amador, muitos times dependem de algum tipo de apoio ou patrocínio privado. Durante a visita a um campeonato de futsal feminino no bairro Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, o organizador do torneio, José⁴, confirmou a desigualdade de patrocínio que existe entre times femininos e masculinos (Entrevista José, 2016). Como exemplo, José contou sobre um time presente no campeonato dele – e que mesmo sendo projeto social, destinado a mulheres de poucos recursos financeiros, as jogadoras pagaram as taxas de participação do próprio bolso. José explicou esta desigualdade pela existência de preconceitos relativos ao futebol praticado por mulheres no Brasil. Outros especialistas no futebol feminino indicaram a expectativa das empresas e clubes de um retorno financeiro do seu patrocínio. Pela opinião espalhada que investimentos no futebol feminino não trariam retorno financeiro e benefício econômico, empresários renunciam ao patrocínio de um time feminino amador.

O time A é um time “afortunado” com patrocínio. O time usa o nome de um clube tradicional de futebol de Rio de Janeiro, porém, apesar jogar com o escudo do clube, o time feminino tem uma relação distante com o mesmo. No site do referido clube de futebol, por exemplo, não há nenhuma referência ao time feminino. Atualmente o time não usa os campos do clube, mas treina em um campo público no parque Aterro do Flamengo. O apoio financeiro procede de um patrocinador privado que, em 2008, decidiu investir na área de esportes amadores do clube de futebol que abarca o departamento de futebol feminino.⁵ O patrocinador paga os uniformes e os materiais de treino, as taxas das competições e as viagens para jogos e torneios. Além de uniformes oficiais, as jogadoras dispõem de uniformes para os treinos, garrafas de água e mochilas para os materiais de treino. Jogadoras sem suficientes recursos para pagar suas passagens de transporte público, são apoiadas financeiramente. Por ter a reputação de ser um time muito bom, que participa o ano todo em campeonatos e que é patrocinado, mulheres de diferentes bairros de Rio de Janeiro e de outros municípios do Estado jogam ali. As jogadoras do time participam de três diferentes modalidades de futebol. Nas entrevistas, nas

conversas e nas observações durante os treinos e os jogos, em 2015, as mulheres pareciam satisfeitas sobre o fato de ser atletas no time A. Elas afirmaram que gostam da infraestrutura e apoio oferecido, o que as fazia se sentir valorizadas como jogadoras. A maioria dessas atletas tinha jogado anteriormente em times de piores condições.

Porém, alguns acontecimentos, ocorridos em 2016, mostraram a vulnerabilidade e os problemas que times femininos com patrocínio também podem enfrentar. Na segunda metade do ano, o time teve a perspectiva de participar em um campeonato nacional de futebol society em outro Estado. Dentro do time, o campeonato gerou muita agitação. Saber quais jogadoras iam ser eleitas para representar o time foi um assunto muito discutido. Poucas semanas antes do campeonato, o patrocinador cancelou a viagem. A impressão do patrocinador de falta de compromisso das jogadoras e de valorização do patrocínio dele tinham levado cabo a esta decisão. A inesperada falta de apoio financeiro pôs também em risco a participação do time em dois outros campeonatos no Rio de Janeiro. Por fim o dinheiro para pagar as taxas dos campeonatos locais foi conseguido por intermédio de doações privadas. Porém, mesmo podendo participar nos campeonatos, muitas jogadoras ficaram preocupadas em relação ao futuro do time.

O caso descrito mostra que o patrocínio por uma empresa ou um empresário privado representa de um lado uma rara, mas boa oportunidade para um time feminino. No outro lado pode gerar também uma dependência e novas dificuldades no caso de discórdias com o patrocinador. O caso mostra também que – ao contrário do que se pode esperar – a ligação ao clube de futebol não significa automaticamente real apoio para times femininos no Rio de Janeiro. Esforço próprio e criatividade representem estratégias de sobrevivência para muitos times de futebol feminino amador, principalmente de poucos recursos econômicos, no Rio de Janeiro. Hoje as mulheres estão presentes dentro dos campos das diferentes modalidades de futebol amador no Rio de Janeiro. Porém, muitos times femininos ainda encaram diferentes tipos de obstáculo. O futebol amador continua sendo um espaço em disputa para as mulheres.

Entrevistas

Andrea, 1.12.2015, Rio de Janeiro

José, 22.10.2016, Rio de Janeiro

Referências

ALTMANN, Helena, Heloisa Helena Baldy dos Reis. 2013. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. In: *Movimento*, Porto Alegre, 19(3):211-232.

ANTHIAS, Floya, Nira Yuval-Davis 1992. *Racialised Boundaries: Race, Nation, Gender, Colour and Class and the Anti-Racist Struggle*. London: Routledge.

BEVERARI, Rafael Fermino 2009: Futebol de várzea: Berço de insubordinações. Relatório final, Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo..

Confederação Brasileira de Futebol de Salão. 2016. Livro Nacional de Regras 2016. In: *Futsal. Regras*. <http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/regras/livronacional.html> (28.11.2016).

COSTA, Leda Maria da. 2013. Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse. *Soccer and Society*, 15(1):81-92.

DA MATTA, Roberto. 1982. *Universo do futebol. Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke.

DAMO, Arlei. 2005. Do dom a profissão. Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Dissertação de doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DA SILVA Pisani, Mariane. 2014. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. *Pontourbe. Revista do núcleo de antropología urbana da USP*, <<http://pontourbe.revues.org/1621>> (27.08.2014).

DA SILVEIRA, Raquel, Marco Paulo Stigger. 2013. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. In: *Revista Brasileira Ciências Esporte*, Florianópolis, 35(1):179-194.

- DOS SANTOS, Doiara, Ana Gabriela Alves Medeiros. 2012. O futebol feminino no discurso televisivo. In: *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Florianópolis, 34(1):185-196.
- ENKE, Anne. 2007. *Finding the Movement: Sexuality, Contested Space, and Feminist Activism*. Durham.
- FILHO, Mario. 1964. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira.
- FRANZINI, Fábio. 2005. Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 25(50): 315-328.
- GONÇALVES, Alana Mara Alves. 2002. Futebol amador: Campo Emergente de Sociabilidade. Maestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- GUEDES, Simone. 1977. O futebol brasileiro: instituição zero. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GOELLNER, Silvana Vilodre (2005): Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: *Revista Brasileira Educação Física Esporte*, São Paulo, 19(2): 143-151.
- Haß, Julia. 2013. „Soziale Integration und Geschlechtergleichheit im Fußball? Narrativen von Gleichheit und Ungleichheit im Amateurfußball in Rio de Janeiro. Maestrado, Freie Universität Berlin, Berlin.
- HAB, Julia. 2016. Frauenamateurfußball in Rio de Janeiro – Umkämpfter Sport- und Stadtraum. In: *Peripherie*, 141(36): 57-72.
- KESSLER, Cláudia Samuel, Maria Catarina Chitolina Zanini. 2013. O predomínio de masculinidades: narrativas de jogadoras de futebol do interior do Rio Grande do Sul (Brasil) nos anos 1980. In: *Esporte e Sociedade*, 8(22).
- KESSLER, Cláudia Samuel. (org.). 2016. *Mulheres na área, Gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- KNIJNIK Dorfman, Jorge; Esdras Guerreiro Vasconcelos. 2003. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: Antonio Carlos Simões; Manole Barueri (coordenadores): *Mulher e Esporte - mitos e verdades*. 165-175.
- MASSEY, Doreen. 1994. *Space, Place and Gender*. Cambridge: University of Minnesota Press

MOURÃO, Ludmila, Marcia Morel. 2005. As narrativas sobre o futebol feminino. O discurso da mídia impressa em campo. In: *Revista Brasileira Ciências Deporte, Campinas, 26(2): 73-86.*

RIAL, Carmen. 2013. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. In: *Nueva Sociedad, 248: 115-126.*

RIGO, Luiz Carlos, Flávia Garcia Guidotti, Larissa Zanetti Theil & Marcela Amaral (2008). Notas acerca do futebol feminino Pelotense em 1950. In: *Revista Brasileira Ciências Deporte, Campinas, 29(3): 173-188.*

VAN INGEN, Cathy 2003: Geographies of Gender, Sexuality and Race. Reframing the Focus on Space in Sport Sociology. In: *International Review for the Sociology of Sport*. Junho 2003, 38(2): 201-216.

¹ É interessante neste contexto lembrar as primeiras décadas do século XX e o começo do futebol no Brasil. Futebol, introduzido por comerciantes ingleses, foi considerado um esporte da classe média alta e alta branca Brasileira. A classe operária e as pessoas de descendência afro-brasileira eram excluídos dos clubes e dos campos de futebol. Só com o passar do tempo, a classe operária conseguia sua entrada e sua aceitação nos espaços de futebol. (FILHO, 1964)

² Por razões de anonimato e proteção os nomes de pessoas e times foram mudados.

³ Esta construção social – que jogadoras de futebol sejam homossexuais – é muito comum na história do futebol feminino (GOELLNER VILODRE, 2005:149).

⁴ José organiza no seu tempo livre, de maneira remunerada, campeonatos de futsal para mulheres e homens (da categoria sub-15 e sub 17) no Rio de Janeiro e em municípios dentro do Estado de Rio de Janeiro, desde 2011. Como nem a CBF e nem a Secretaria de esporte do Estado de Rio de Janeiro organizam campeonatos de futebol amador, a organização de torneios é realizada maioritariamente através de pessoas e associações privadas no Rio de Janeiro. A participação aos campeonatos é ligada à taxas para os times participantes. Através das taxas financiam-se a arbitragem, o aluguel da quadra, os troféus e o `salário `do organizador do campeonato.

⁵ Curiosamente a história do futebol feminino dentro do clube é mais velha. Já no final do século XX havia um time feminino, no clube. Porém, o apoio não era suficiente para existir com continuidade.